

ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA: UM ESTUDO DE CASO NO BAIRRO DE PACIÊNCIA, RIO DE JANEIRO, BRASIL.

Elizabeth Sá Barreto Lopes Nogueira (elizabethsabarreto@gmail.com); Andressa Ivo Oliveira da Silva (andressaivo@yahoo.com.br); Daniel Athias de Almeida (athias.arquitetura@gmail.com)

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFRJ-FAU); Programa de Pós-Graduação em Arquitetura; Grupo de Sistema de Espaços Livres (PROARQ-SEL) - Brazil

Palavras chaves: espaços livres, Paciência, paisagem urbana.

O presente trabalho é produto final da disciplina Arquitetura da Paisagem do Curso de Pós-Graduação em Arquitetura do PROARQ, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, que apresenta como ementa a análise e investigação de uma localidade, por meio de uma metodologia já definida. Seu conteúdo é a caracterização de parte do território - Santa Cruz - da Área de Planejamento 5 (AP5), na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Os principais objetivos consistem em uma análise dos sistemas de espaços livres nos âmbitos regional, Santa Cruz, e local, bairro de Paciência. A metodologia adotada pertence aos grupos Quapá-Sel, ProLugar e GAE do PROARQ-FAU-UFRJ e possibilita determinar e sistematizar a evolução urbana de uma paisagem, assim como entender as tendências de seu crescimento. Essa análise considera também as possibilidades de recuperação da área, seus elementos formadores e estruturadores da identidade da paisagem, além de identificar uma relação histórica e afetiva entre os moradores e o lugar. A estruturação metodológica inicia-se com a fundamentação teórica - definição dos conceitos de Território, Paisagem e Sistema de Espaços Livres- preparatória das visitas exploratórias ao objeto em estudo, que resultam em uma gama de informações que servem de base para as investigações em diferentes escalas. A relevância do presente trabalho dá-se como apresentação da metodologia utilizada e sua aplicação em uma região da cidade do Rio de Janeiro, que é constantemente negligenciada tanto pelo Estado quanto pelos estudos acadêmicos.

1. INTRODUÇÃO

Em que medida é possível determinar as transformações urbano-paisagísticas na paisagem? Como sistematizar crescimentos e alterações no tecido socioespacial ao considerar as reais possibilidades de recuperação dos elementos formadores e estruturadores da identidade de um território? Quais os vetores existentes para entender as relações de ordem afetiva entre os moradores e o lugar? E mais, como tais relações se refletem no desenho da paisagem e na formação e usos dos seus espaços livres públicos?

Considerando os questionamentos acima indicados, definimos a matriz conceitual que indicará as abordagens que serão realizadas neste artigo, tendo como pano de fundo um estudo analítico de uma parcela territorial dos bairros de Santa Cruz, Paciência e Sepetiba²⁵, na região suburbana do Rio de Janeiro. Parte desse trabalho é um desdobramento das investigações realizadas no plano teórico-conceitual e em in situ na

²⁵ Esses bairros fazem parte da XIX Região Administrativa e estão localizados na Área de Planejamento 5 – AP5, situada na zona oeste do Município, que dista quarenta quilômetros do centro urbano do Rio de Janeiro e possui uma população estimada de 217.333 habitantes (IBGE, 2010).

região escolhida, área esta que foi o foco de discussão da disciplina de Arquitetura da Paisagem²⁶. O recorte revela uma complexidade urbano-paisagística que caracteriza a região, sendo considerada uma área periférica que concentra atividades industriais, um tecido socioespacial com favelas e comunidades de baixa renda e relevantes manchas urbanas desconectadas. Há, também, um tecido urbano historicamente expressivo formado por antigas estâncias balneárias, uma ocupação pelo poder público de determinadas áreas e faixas do território com um caráter residencial, derivadas da expansão ferroviária do final do século XIX.

As visitas in situ, e o material levantado pelas pesquisas históricas e referenciais da paisagem, adquiridos a partir do banco de dados do Grupo de Pesquisa SEL-RJ²⁷, explicitaram entre outras coisas aspectos temporais da paisagem, nortearam nossa análise no que diz respeito à estrutura morfológica e, em especial, aos aspectos funcionais do sistema de espaços livres, que no caso deste trabalho é o elemento de grande valia para nossos estudos. Nossos olhares perceberam dicotomias nas configurações espaciais existentes no local e como o território apresenta singularidades que ajudaram a entender os porquês de sua atual configuração urbano-paisagística. Nesse sentido ficou evidente que vastas áreas de estuário junto à baía de Sepetiba, mesclado às planícies costeiras e maciços litorâneos baixos, são vetores fundamentais para interpretar a dinâmica desse tecido urbano que hoje se revela como um entrave para a estruturação de políticas públicas que venha senão sanar, ao menos amortizar os problemas de cunho socioespacial que esta região vive na sua contemporaneidade.

Como referencial teórico para embasar a análise e compreensão dos espaços livres, a discussão foi referenciada em trabalhos como de Mônica Bahia Schlee et al. (2009), Milton Santos (2008), Miranda Magnoli, (2006), Silva et al. (2013) e Souza (2015). Particularmente no trabalho de Mônica Bahia Schlee há uma distinção na construção do conceito de Território que nos é bastante útil para a análise que aqui desenhamos. A pesquisadora destaca que o mesmo é uma construção social que se manifesta em uma base física por meio de apropriações individuais e coletivas. Nos demais autores também referenciados encontramos fundamentos que ajudam a enfrentar questões centrais como a paisagem, o ambiente e a própria ideia de sistema de espaços livres.²⁸

A matriz conceitual do trabalho considerou o preposto teórico que fundamenta as discussões sobre Unidades de Paisagem e partiu dos elementos que norteiam esse conceito. Portanto, buscou-se um liame que refletisse o estudo aqui apresentado. Assim a região com seus três bairros, resultou, após análise, em três Unidades de Paisagem: a Unidade de Paisagem 1 cujos limites estão referenciados no bairro de Santa Cruz; a Unidade de Paisagem 2, que tem seus limites no bairro de Sepetiba e a Unidade de Paisagem 3, que se localiza integralmente no bairro de Paciência. Estudou-se a unidade de

²⁶ A disciplina Arquitetura da Paisagem faz parte do curso de Pós Graduação em Arquitetura do PROARQ, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro–UFRJ. É ministrada pelos professores Vera Tângari e Rubens de Andrade.

²⁷ Grupo de pesquisas sobre Sistemas de Espaços Livres no Rio de Janeiro sediado no PROARQ da FAU-UFRJ.

²⁸ Em Schlee e outros o Território é uma construção social que se manifesta em uma base física por meio de apropriações individuais e coletivas; Paisagem incorpora processos biofísicos e sociais nela refletidos em estágios diferentes de intervenção humana; Ambiente se dá a partir da visão do ser humano, como um dos que interagem no meio biofísico, cultural e simbólico, relacionando a sua vivência com impactos dessa interação; Sistema que pode ser dividido em subsistemas ou fazer parte de um sistema maior; e Espaço que associa estrutura, função e lugar à uma base física, buscando definir atributos de valorização social, ambiental e cultural a eles associados.

paisagem 3, Paciência²⁹, porque apresenta características distintas das outras e se destaca entre os três bairros.

A análise, segundo as características de uma Unidade de Paisagem, identificou uma estrutura urbana bastante homogênea, predominante residencial e contínua, contrastando com o contexto maior da AP5 – Área de Planejamento 5, onde a descontinuidade e heterogeneidade das manchas urbanas são a regra. A linha do trem foi um fator de desenvolvimento da região e as estações foram articuladoras dos espaços, assim como a estação do BRT. O suporte biofísico existente é composto de planícies, pequenos morros, rios e áreas alagáveis.

A Paisagem de Santa Cruz sofreu diversas alterações: de local de passagem e pouso da família real, converteu-se em um zona periférica com um complexo sistema de espaços livres residuais, grandes conjuntos habitacionais, zonas industriais, áreas dominiais sob controle do exército, e faixas de território descontínuas separadas por limites rodoviários de grande peso como a rodovia BR-101/Av. Brasil. É possível observar nessa paisagem marcos relevantes que indicam a ocupação histórica da região. O antigo matadouro, a ponte dos jesuítas, a fonte Wallace, o batalhão da polícia militar, o hangar do Zeppelin, a igreja Nossa Senhora da Conceição, as torres de transmissão, as linhas férreas e de ônibus expresso (Bus Rapid Transportation - BRT), Villa Operária, a Casa da Moeda.

Paciência, a Unidade de Paisagem estudada, é uma pequena fração deste território, mas é mais compacta e homogênea que as demais áreas, fruto justamente de uma ocupação mais antiga do território. Em Santa Cruz esses Espaços Livres estão distribuídos entre topos de morro, vias, praças, quadras, lotes fragmentados, rios, espaços privados e espaços dominiais. Identificou-se em Paciência uma vasta quantidade de praças espalhadas pelo território, muitas ocupadas por quadras esportivas, clínicas de pronto atendimento e escolas municipais, o que explicita um descaso administrativo no que tange a manutenção e o tratamento dos espaços livres públicos.

À luz dos autores selecionados e considerando nossas análises, a R.A. de Santa Cruz pode ser interpretada como um território cuja trajetória histórica possui uma vigorosa alteração frente ao contexto socioespacial, econômico e cultural e porque não dizer político. Nessa dinâmica das mudanças, adições e subtrações espaciais e societárias podemos destacar um período importante onde a região foi entreposto comercial no tempo do império, local de repouso da família real, e mais contemporaneamente, um balneário turístico que se caracterizou como uma área de expansão urbana do Rio de Janeiro, sendo atualmente considerada “zona de crescimento assistido”. Interpretando esse conjunto de questões nossa interpretação lança uma luz em pontos que revelam as tantas camadas de contradições e complexidades desse tecido urbano e como o mesmo sofreu e ainda hoje é atingido por um jogo de forças políticas e econômicas que dilapida o cotidiano de suas paisagem e altera no sentido negativo a construção dos seus espaços públicos devido, a nosso ver uma política pública de uso de solo urbano aquém da relevância dessa região para a cidade do Rio de Janeiro seja no plano social, político e cultural.

²⁹ Sua população é estimada em 85.432 habitantes – 25.075 domicílios – numa área de 2.741,80 ha. Existem 25 escolas municipais e uma das estações ferroviárias mais antigas do país. Seu tecido urbano é homogêneo e tem uma ocupação predominantemente horizontal e residencial, divergindo do contexto geral da AP5.

2. OBJETIVOS

Os principais objetivos consistem em: analisar os sistemas de espaços livres nos âmbitos regional e local – bairro de Paciência –; obter uma gama de informações como base para as investigações em diferentes escalas; utilizar a metodologia apresentada para exploração de uma área da cidade constantemente negligenciada tanto pelo Estado quanto pelos estudos acadêmicos.

3. METODOLOGIA

A metodologia de análise foi dividida em três etapas: 1) Visita exploratória ao local de estudo; 2) Análise tipo-morfológica da paisagem e do sistema de espaços livres na escala urbana; 3) Estabelecimento de critérios de avaliação morfológica na escala local em cada unidade de paisagem.

A primeira etapa foi realizada em dois grupos de análise territorial: mapeamento dos Fluxos (mobilidade urbana) e os Fixos (equipamentos de relevância que conformam o território), segundo os dados da base do grupo de pesquisa SEL-RJ. Através da primeira visita exploratória, segundo um roteiro previamente estabelecido que privilegiava o núcleo histórico, o entorno ferroviário e a centralidade do bairro de Santa Cruz, foram identificados os marcos referenciais da paisagem. Em seguida, no atelier, foram realizados mapas mentais do trajeto percorrido.

O trajeto a pé permitiu, inicialmente, perceber a diferença de usos entre os dois lados de Santa Cruz, tendo a linha de trem como limite. O lado norte há um uso mais institucional e o sul mais comercial. Esse percurso foi realizado em uma área bem consolidada urbanisticamente, mas com grande diversidade do tecido urbano, e marcada pela centralidade da estação de trem. A ocupação urbana dá-se a partir da linha do trem e das estradas principais. Os espaços livres existentes são fragmentados e com forte presença de território dominial. O trajeto feito de carro afastou-se da área central e observou as áreas mais residenciais, além da presença de algumas instituições públicas, como as escolas e a Vila Olímpica. Alguns dos grandes vazios urbanos têm sido ocupados por indústrias e conjuntos habitacionais, mas ainda existem muitos.

Santa Cruz apresenta características de bairro periférico por ser afastado do Centro do Rio de Janeiro e ter baixa concentração de renda, mas ao mesmo tempo revela traços de um passado real. Passado que permaneceu arquitetonicamente na sede da Fazenda de Santa Cruz e o Palacete da Princesa Isabel, que abrigou a sede do antigo Matadouro de Santa Cruz.

Na segunda etapa fez-se a análise tipo-morfológica da paisagem e do sistema de espaços livres na escala urbana, segundo os seguintes temas: processos de constituição morfológica e transformação da paisagem; suporte físico: relevo, hidrografia x cobertura vegetal; vetores de ocupação: atividades econômicas e fluxos; evolução da mancha urbana: padrões de ocupação e tipos construtivos; planos, leis e agentes de transformação: marcos do processo de ocupação; mapeamento temático sobre o território; unidades de conservação e de preservação ambiental; espaços livres públicos: praças, parques, calçadas, orlas, praias etc.; espaços livres privados, perfil do mercado imobiliário, padrões de ocupação e tipos de tecidos urbanos e impactos de investimentos públicos e de projetos de grande porte.

A etapa concluiu-se com a definição de três Unidades de Paisagem, que, coincidentemente, localizam-se cada uma nos próprios bairros da Região Administrativa. Santa Cruz, constituída de um centro urbano consolidado e contíguo e com partes dispersas. Sepetiba, com uma ocupação voltada para o mar – originalmente um balneário–, que foi modificada pela chegada de indústrias atraídas pelo porto de Sepetiba. A terceira, a mais homogênea das três, é Paciência, ocupada por uma edificação horizontal, principalmente, ao longo da ferrovia e

das estradas principais, mas que é limitada pelo rio e morro. A Unidade de Paciência foi escolhida para um maior aprofundamento da análise na escala local. Foi proposto um quadro-síntese, que identifica as suas características, segundo as categorias de análise: desenho da paisagem, estrutura morfológica, conflitos socioambientais e padrões de ocupação. Como resultado obteve-se, também, um mapa temático, cortes esquemáticos e discussões críticas sobre a leitura das unidades de paisagem.

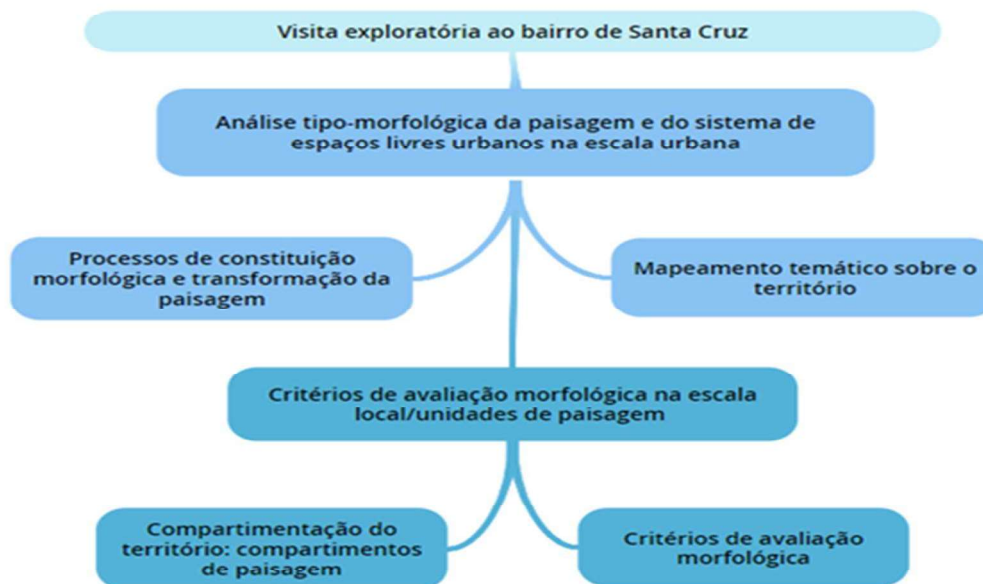


Figura 20. Método de trabalho.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das análises apresentadas anteriormente interpretamos as três unidades de paisagem e os potenciais vetores que ajudam a dimensionar a dinâmica urbano-paisagística da região. Nessa lógica foram percebidos os entraves nos usos cotidianos dos espaços livres e a possibilidade de se construir uma estrutura, mesmo que hipotética, para que venha dar coesão e efetivamente ativar uma estruturação sistêmica na construção de um sentido positivo seja no fluxo/circulação (pessoas e bens de consumo), na ocupação e usos dos espaços livres públicos dessa região.

A partir de agora, faremos o desenho de uma matriz analítica que indicarão dicotomias e deferências, problemáticas e arranjos conceituais para revelar singularidades de uma região cuja potência urbana-paisagística que nela existe é real e pede para que o poder público e a sociedade juntos não apenas prospere para ações de resgate de sua paisagem, mas também promovam um movimento de desabandono tanto para região quanto para a população que no mínimo merece um desenho de paisagem que fortaleça vínculos históricos, patrimoniais e afetivos. Quanto as análises a mesmas se dividem em nove quadrantes. São eles:

4.1. Quanto à análise tipo-morfológica da paisagem e do sistema de espaços livres urbanos

As mesmas foram feitas em sala de aula, durante a disciplina Arquitetura da Paisagem, como um ateliê com duração média de quatro horas. O trabalho de análise consistia na aplicação dos conteúdos para que se obtiver uma consistente representação gráfica, por meio de mapas.

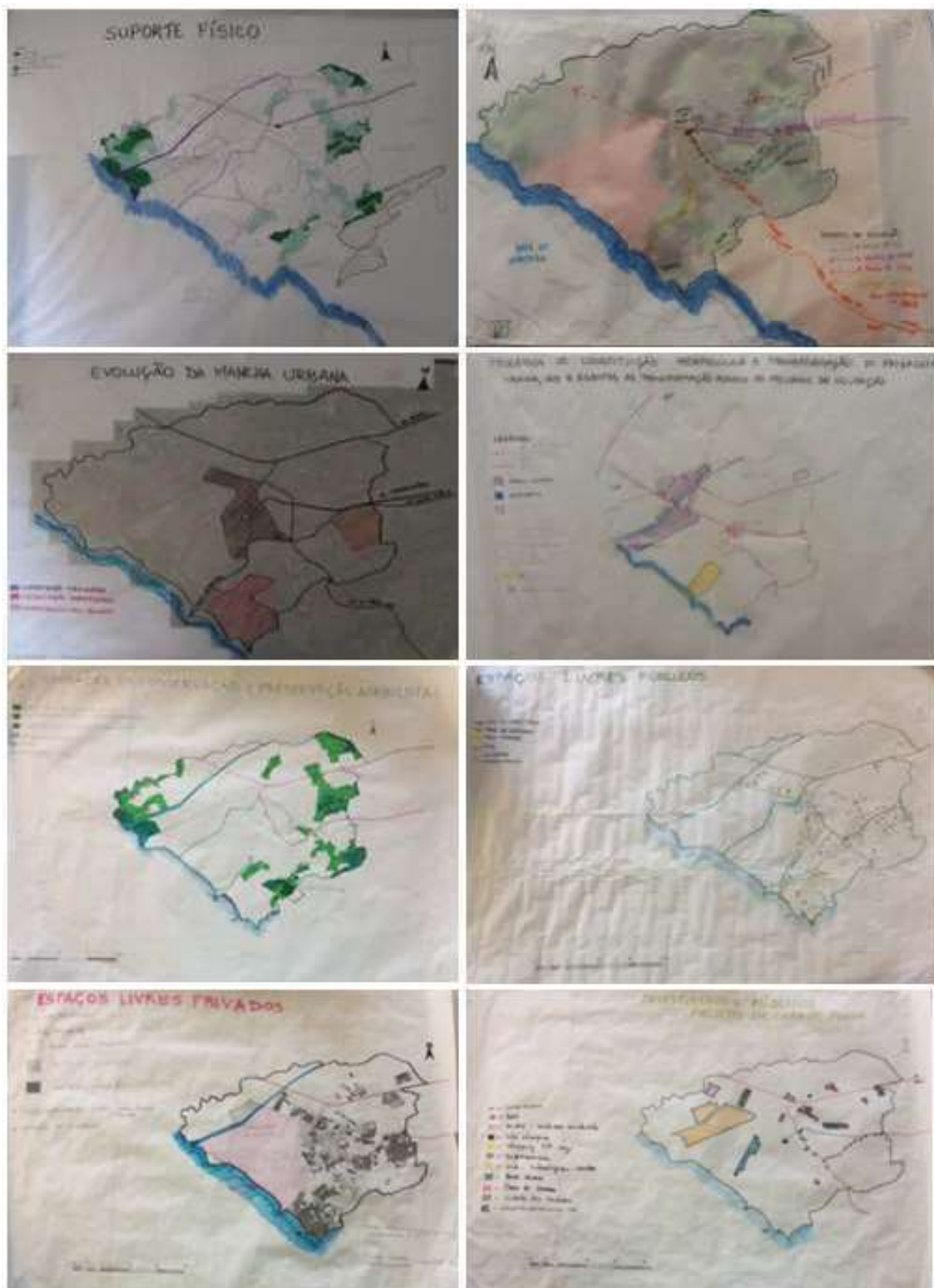


Figura 21. Mapas produzidos em sala de aula.

4.2. Sobre os processos de constituição morfológica e transformação da paisagem

Suporte físico: relevo, hidrografia x cobertura vegetal. O mapa de suporte físico apresenta as configurações geomorfológicas do lugar de estudo. Com base no levantamento de dados, foi identificado que seu território é abundantemente irrigado com uma profusão de rios e canais já retificados, pelo fato da região possuir a Baía de Sepetiba ao sul. Foram identificadas algumas elevações em destaque na parte leste/sudeste do mapa. As composições vegetais, tanto como forrações rasteiras quanto com densa cobertura arbórea,

também foram reconhecidas para o melhor entendimento do espaço. A identificação desses elementos é importante, porque além de definirem a paisagem, elas podem ser interpretadas como barreiras físicas que geram uma descontinuidade do tecido urbano.

4.3. Vetores de ocupação: atividades econômicas e fluxos:

Inicialmente, o Caminho dos Jesuítas, a atual Avenida Santa Cruz, era a rota utilizada pelos jesuítas para chegarem, vindos do Centro, na Fazenda de Santa Cruz, onde controlavam uma grande propriedade agrícola. Foi o vetor inicial de desenvolvimento do lugar. Com a sua expulsão do país em 1759 e posterior instalação do Império no Brasil em 1822, a estrada, passou a ser conhecida como Caminho Imperial, pois passou a ser utilizada com frequência por membros da família imperial, porque ligava São Cristóvão, onde se encontrava o Palácio Imperial, à Santa Cruz. A partir de 1878, outro vetor de ocupação deu-se pela Estrada de Ferro Dom Pedro II, passando a ser chamada de estrada ferroviária Central do Brasil a partir de 1889 com a Proclamação da República, atual Supervia. Sua implementação diminuiu o tempo de percurso de pessoas e mercadorias da região ao centro da cidade do Rio de Janeiro. Em 1946, foi inaugurada a Avenida Brasil, o terceiro vetor de ocupação de Santa Cruz. A avenida é uma das principais do Rio de Janeiro, pois inicia-se na Rodoviária Novo Rio –seu marco zero– e se estende, cortando 26 bairros, até Santa Cruz. Onde se transforma na Avenida João XXIII, seu quilômetro final. A partir de 1960, a Estrada de Sepetiba torna-se um importante vetor de ocupação com a frequente ida dos moradores à praia de Sepetiba. Em 2012, a conhecida Avenida Dom João VI ganhou grande intensificação de tráfego com a abertura do BRT –linha rápida de transporte de ônibus– ao longo desse logradouro. A partir do mapa de vetores de ocupação (Figura 21), foi possível entender que a primeira ocupação ocorreu próxima ao Caminho Imperial. Posteriormente, as margens da Baía de Sepetiba foram sendo ocupadas por atividades de lazer e de pesca. Recentemente, a centralidade de Paciência, a leste do mapa, teve uma pequena expansão nas proximidades do lado sul da linha ferroviária.

4.4. Evolução da mancha urbana: padrões de ocupação e tipos construtivos

O mapa-síntese da evolução da mancha urbana mostra como se deu a ocupação da região ao longo de sua história e quais foram os principais vetores dessa ação, revela, também, as consolidações mais antigas e as mais recentes, o processo histórico de ocupação e as apropriações comunitárias ao longo do território. Ele apresenta os principais marcos transformadores da paisagem. A ponte dos jesuítas de 1752 – um dos primeiros marcos de ocupação da região– era utilizada para controlar o volume e o fluxo de água ocasionado pelas enchentes e irrigar o terreno da fazenda Santa Cruz.

4.5. Planos, leis e agentes de transformação: marcos do processo de ocupação

Quanto ao uso do solo, Santa Cruz possui um extenso setor industrial onde se encontra a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e uma área militar da aeronáutica, ocupada pela Base Aérea de Santa Cruz. Essas grandes áreas encontram-se um pouco mais afastadas da principal centralidade de Santa Cruz. Quanto à mobilidade rodoviária, foi destacada a requalificação da Avenida João XXIII, a Rua Felipe Cardoso com a implantação do BRT e a duplicação da BR 101 (Avenida Brasil). Apesar de estar fora do limite administrativo definido para estudo, o Arco Metropolitano foi destacado, porque após a sua conclusão em 2014, acabou a obrigatoriedade de se passar por Santa Cruz para se chegar ao Porto de Itaguaí, o que diminuiu, principalmente, o fluxo de caminhões no bairro. Além disso, existe um estudo de iniciativa estadual para expansão do ramal ferroviário de Santa Cruz até Itaguaí. Quanto às transformações urbanísticas e de habitação, destacam-se os projetos Minha Casa Minha Vida (MCMV, um projeto de habitação de baixa renda do governo), o Bairro Maravilha e a Vila Olímpica como intenções de melhoria da qualidade habitacional e aumento da população residente.

4.6. Mapeamento temático sobre o território:

Grande parte dos dados dos mapas temáticos foi retirado do banco do grupo de pesquisa SEL-RJ. Eles têm como finalidade ampliar a leitura do território, permitindo um entendimento mais completo da região.

4.7. Unidades de conservação e de preservação ambiental

Com esse levantamento observa-se não só a questão ambiental, mas também a sua relação com a preservação do território e manutenção das áreas verdes. No caso de Santa Cruz, massas arbóreas foram identificadas nas suas bordas, onde o território é menos adensado, donde se pode concluir que a região central, sofreu grande processo de desmatamento, ao longo do seu processo de formação, para adensamento construtivo e populacional.

4.8. Espaços livres públicos: praças, parques, calçadas, orlas, praias etc.

Esse mapeamento serve para identificar a quantidade de espaços livres na região em estudo. Os espaços livres traçam uma relação histórica com a cidade, além de permitir uma leitura do território quanto aos seus usos e ocupações. O fato de se ter encontrado poucos espaços livres, em sua maioria praças, demonstra, entre outros fatores, que são poucas as oportunidades de ações humanas e manifestações com diversidade biofísica e cultural.

4.9. Espaços livres privados, perfil do mercado imobiliário, padrões de ocupação e tipos de tecidos urbanos

Esse levantamento faz uma inter-relação entre os parâmetros urbanísticos e os perfis edilícios, que permite uma apreensão do papel do mercado imobiliário na região e os padrões de renda locais, os grandes investimentos e os atrativos da localidade. Os espaços livres privados, é possível perceber, contém maior quantidade e extensão que os espaços livres públicos. O perfil mobiliário é, em sua maioria, de padrão de renda médio-baixa e baixa, com predomínio de edificações com gabarito de até quatro pavimentos, que são poucos. O mapa também apresenta que a maior parte do território é composta por um tecido urbano não consolidado, que totaliza cerca de 70% do espaço em análise. A partir desse mapa é possível perceber que a Região Administrativa de Santa Cruz recebeu grandes investimentos em diversos momentos históricos. A linha férrea foi um dos primeiros projetos públicos de grande impacto. Quanto aos equipamentos urbanos e habitações, destacam-se os conjuntos habitacionais dos anos de 1980, os programas de MCMV, a Vila Olímpica e a Cidade das Crianças. No que tange ao setor de comércio e serviços, identificam-se o Shopping de Santa Cruz, o supermercado Guanabara, a CSA e a Casa da Moeda. Quanto à infraestrutura de mobilidade urbana, apresenta-se além da linha férrea, a implementação do BRT (Figura 21).

4.10. Critérios de avaliação morfológica na escala local/unidades de paisagem

A divisão da área de estudo em unidades e subunidades, conjuntamente com a elaboração do quadro com escalas e padrões de avaliação, permite uma caracterização dos espaços e apreensão de uma parte do território, para que se alcance o entendimento do todo. Desse modo, a subdivisão do território em partes definidas permite compreender cada uma de suas partes e a inter-relação com toda a região. Para separar o território em unidades de paisagem, o critério utilizado foi o uso e a ocupação do solo. Identificaram-se as manchas de densidade de ocupação no tecido urbano e também os diferentes usos, agrupados por similaridade, para se determinar uma unidade de paisagem.

Desse modo foram definidas 5 unidades de paisagem: 1- Avenida Brasil, área de expansão e desenvolvimento; 2- Área urbanizada, centralidades; 3- Verde predominante, área de proteção permanente (APP), morros; 4- Área dominial, orla, mangue; 5- Área industrial (Figura 22). Coletivamente foi definido que a área de maior interesse para estudo seria a

área 2. Dentro dessa Unidade de Paisagem ainda foram compartimentadas outras Subunidades de Paisagem, definidas utilizando-se o critério de centralidade. Sendo assim, em torno de cada centralidade foi definida uma subunidade de paisagem correspondente a um bairro: 2.1- Paciência; 2.2- Santa Cruz; 2.3- Sepetiba. O estudo concentrou-se na subunidade de paisagem 2.1.

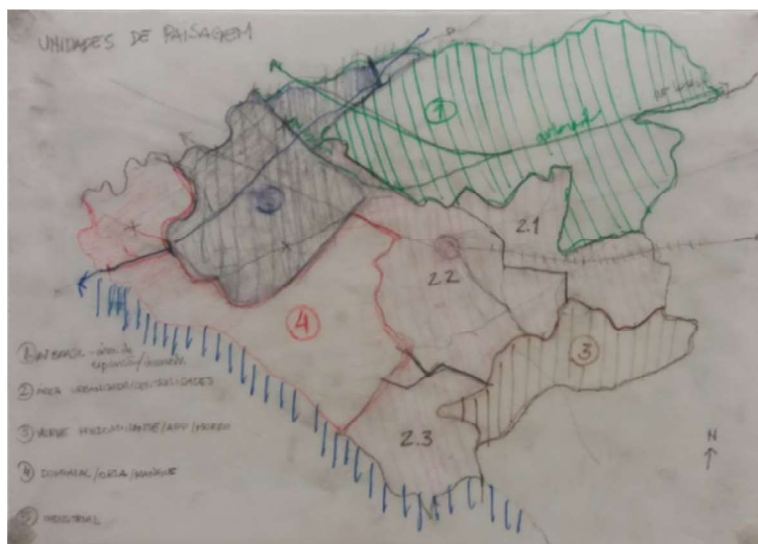


Figura 22. Unidades de paisagem.

Para analisar a Subunidade de Paisagem, a metodologia utilizada ofereceu um quadro para ser preenchido quanto aos critérios de avaliação morfológica, levando-se em consideração o desenho da paisagem, a estrutura morfológica, os conflitos socioambientais e os padrões de ocupação.

Tabela 11. Quadro de escalas e padrões de avaliação.

ESCALAS E PADRÕES DE AVALIAÇÃO - PACIÊNCIA, RIO DE JANEIRO/RJ				
	Desenho da paisagem	Estrutura morfológica	Conflitos sócio-ambientais	Padrões de ocupação
	suporte físico, intervenção = ocupação	elementos formais e processos = estruturação	critérios de avaliação = desempenho	estética e apropriação = modelização
Paciência	Mancha espreada horizontal e majoritariamente regular, centralidade junto à estação de Paciência: EL- morros, vias, ferrovias, BRT, corpos d' água	matriz = tecidos compactos corredores = ferrovia, BRT e rodovias fragmentos = vegetação e tecido irregular disperso	adequação ambiental = margens majoritariamente preservadas inadequação ambiental = corpos d'água retificados e poluídos, ocupação de margens, favelas	áreas residenciais = ditam modelo áreas fabris = ao longo do BRT áreas institucionais = dispersas

Para cada uma dessas análises foi elaborado um mapa para apresentar graficamente os dados levantados para cada região.



Figura 23. Mapas das subunidades de paisagem.

Desenho da paisagem: O mapa revela que, urbanisticamente, o seu traçado é predominantemente regular, característica mais fácil de ser identificada em uma leitura aérea do que na escala do pedestre. Os marcos da paisagem já se apresentam mais facilmente na escala do transeunte. O Morro do Leme com uma linha de torres de energia que se direcionam para a rede de distribuição (Figura 23). A estação ferroviária de Paciência e a estação de BRT Santa Eugênia marcam uma forte centralidade da região (Figura 23). Quanto aos corpos d'água marcados no mapa, são elementos de forte presença na região e estão, na maioria das vezes, canalizados.

Estrutura morfológica: A estrutura morfológica conta com os eixos definidores dessa localidade: a linha do BRT, a linha férrea e os corpos d' água, além dos fragmentos de vegetação. Por sua característica definidora, esses elementos são também verificados nos outros mapas.

Conflitos socioambientais: Os principais conflitos são as favelas e a poluição dos corpos hídricos, que representa a inadequação ambiental, embora haja uma preservação majoritária das margens dos rios ou canais retificados. (Figura 23). As poucas casas que ocupam as margens são, em sua maioria, fundo de lote. Essa interessante particularidade da região chamou muita a atenção dos pesquisadores, que ao analisar melhor o espaço, entenderam que tal preservação provavelmente se dá pela presença de ruas paralelas aos rios.

Padrões de ocupação: As áreas residenciais compõem a maior parte do recorte em estudo, entretanto é possível identificar também as áreas fabris (Figura 23), que se dispõem ao longo da via do BRT. As áreas institucionais também podem ser identificadas e estão dispersas no território. No encontro do BRT com a linha férrea, forma-se a centralidade de Paciência, tanto pela mobilidade e pelo fácil acesso aos meios de transporte (ônibus, trem e

BRT), quanto pela presença marcante do supermercado Guanabara (Figura 23), que ajuda a configurar o polo de atividades comerciais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a linha férrea e os caminhos iniciais de desbravamento do território, dos jesuítas e imperiais, foram os grandes vetores de ocupação do bairro ao penetrarem em áreas originalmente contidas por limites naturais. A centralidade do bairro encontra-se no lado sul da estação ferroviária de Paciência, onde está localizada a estação de BRT, junto à estação, e grande atividade comercial. O bairro está em franca expansão sul, acompanhando a linha de BRT, instalada no ano de 2012, sobre uma via, consolidando-a, que já era de grande importância para a região e na qual se concentram muitos equipamentos educacionais e industriais. A Avenida Brasil é um dos outros vetores de ocupação, mas, ao contrário de outras vias, segrega espaços, como os dois lados de Santa Cruz e Paciência. Sua maior relação, e influência, dá-se com o bairro de Campo Grande.

O bairro de Paciência caracteriza-se por ser basicamente residencial e tem uma estrutura urbana homogênea e horizontal. É ainda dependente das atividades econômicas de Santa Cruz, a maior centralidade da AP5. Santa Cruz influencia inclusive municípios vizinhos, como Itaguaí e Seropédica. Por conta do relevo acidentado, mais ao norte, o bairro expandiu-se mais em direção sul. Um dos indicadores da atividade comercial mais intensa dá-se através dos anúncios publicitários ao longo do muro da ferrovia. Enquanto no lado sul existe uma grande diversidade comercial, no lado norte quase não existe. Notou-se, também, que a maior parte dos espaços livres de uso público converteu-se quase que exclusivamente em campos de futebol e praças.

A partir da metodologia adotada, a análise da paisagem urbana permite a extração de diversos dados que revelam a importância de uma investigação integrada e que tenha inter-relação entre partes e totalidade. A sistematização das informações, que deve ser pormenorizadas e aprofundadas de acordo com as demandas, contribui para o conhecimento de um território que não é alvo de interesses, além de fornecer informações até mesmo como suporte para a proposição de políticas públicas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- IBGE (2011). *IBGE: censo demográfico de 2010. Brasília: IBGE.*
- Magnoli, M. M. (2006). *Em busca de outros espaços livres de edificação. In Revista Paisagem e Ambiente – Ensaios. v.21. São Paulo: FAUUSP. p. 143-173.*
- Santos, M. (2008). *O espaço e a noção de totalidade. São Paulo: Edusp.*
- Schlee, M. B.; Nunes, M. (2009). *in J.; Rego, A. Q.; Rheingantz, P. A.; Dias, M. Â.; Tângari, V. R. Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras – um debate conceitual. In Revista Paisagem e Ambiente: ensaios, v. 26, São Paulo: Fau-Usp, 2009. p. 225-247.*
- Silva et al. *Unidades de paisagem e o processo de compreensão da forma urbana. In Paisagem e Ambiente: ensaios - v.31. São Paulo: Fau-Usp, 2013, p. 61-80.*
- Souza, M. (2015). *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand*

7. AGRADECIMENTOS

Agradecimento a Faperj e ao Grupo de Pesquisa Sel-RJ do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ-FAU-UFRJ).